

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Priscila Finger do Prado

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

Sumário

Apresentação

*A literatura, como toda a arte,
É uma confissão de que a vida
Não basta. (Fernando Pessoa)*

Caro estudante,

Este e-book será o condutor das discussões travadas em nossa disciplina sobre o estudo da Literatura. Desenvolvemos um material sucinto, a fim de que vocês possam acompanhar as leituras, as propostas e as atividades disponibilizadas no ambiente do Moodle.

A literatura é um caminho vastíssimo de interesse humano. Conforme a epígrafe dada a esta apresentação, a literatura existe, porque a vida não basta, pelo menos não a nós, seres humanos, que não somos seres naturais somente, mas seres sociais, que dividem culturas, formas de ver e representar o mundo.

A literatura, às vezes, é escape; às vezes, engajamento; mas antes de tudo é uma manifestação humana, que deve ser cara, especialmente a nós que ora iniciamos um curso de Letras.

Nosso desejo é que tenham um bom semestre de leituras e reflexões e que deixem essa disciplina dispostos a saberem mais sobre literatura e, logo, sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmo.

Atenciosamente,

Priscila Finger do Prado

Capítulo 1 - O estudo da literatura

A literatura, sabe como é, é uma paixão. Para uns, mais do que para outros. Por isso, algumas pessoas dizem gostar de literatura, outras não, mas não é disso que vamos falar. Vamos falar do estudo da literatura, e estamos em um curso de Letras, preparando-nos para sermos professores e ensinar literatura. Os documentos oficiais, tanto os estaduais como os federais, sempre lembram a importância de ensinar o gosto pela leitura e, mais do que isso, de ensinar literatura. E como se ensina literatura? É possível? Alcançaremos todo nosso público? Depois de uma aula de literatura conosco, todos vão se apaixonar, virar leitores e nos ser gratos por essa dádiva para sempre? Muito utópico, não é?

Ensinar literatura exige do professor o gosto pela literatura, assim como ensinar esportes exige o gosto por esportes, mas não saímos da escola todos atletas, não é verdade? E isso não faz dos esportes, em geral, algo menos importante do que realmente é. Se eu passar pela escola e tiver acesso a uma gama de esportes e não quiser seguir nenhum, não quer dizer que seja igual com meus colegas. Todos têm o direito de conhecer e praticar esportes, e mesmo que alguns de nós não pratiquem, reconhecemos sua importância. Com a literatura é semelhante, só que ao invés do cultivo do corpo, temos o cultivo da mente.

A literatura é um direito humano, diz Antonio Candido, porque não somos seres feitos só de corpo, somos seres sociais, que precisam aprender a lidar com o outro; somos seres racionais, que precisam pensar sobre o que veem e ouvem e fazem; somos seres emocionais, que precisam se conhecer enquanto seres humanos e, quem sabe, tornarem-se melhores. Daí que o primeiro passo para sermos professores e podermos ensinar literatura é entender por que ela é um direito, o que ela pode fazer por nós, enquanto seres humanos.

A literatura é uma prática cultural. Essa é uma lição importante. Somos seres que vivem em sociedade e dividem regras de como viver, do que comer, do que vestir, de como e com quem nos relacionar... A concepção de cultura é muito importante para entender a literatura, porque, em parte, somos natureza, em parte, somos cultura. Geralmente, a maneira como vemos o mundo é aprendida na cultura. Prova disso são as mudanças que tivemos, por exemplo, do século XIX para cá, no modo de vestir, no modo de se locomover, no modo de travar relações com pessoas, etc.

Existem coisas que são mais culturais do que outras e, geralmente, quem dá conta de perceber o que realmente importa são os artistas. Os artistas são aquelas pessoas que têm o real como referente, mas que o transcendem pelo artifício, elegendo aspectos importantes desse real e elegendo, também, um modo específico de representá-lo. Em uma breve fala, disponível no youtube, o filósofo contemporâneo Alain de Botton comenta sobre o que a literatura pode fazer por nós. Ele destaca o artista como uma pessoa com um radar muito sofisticado, que escolhe o que é realmente importante para ser tratado enquanto matéria artística. Também Ezra Pound, no livro ABC da literatura, já havia mencionado ideia semelhante ao tratar dos poetas como a antena da raça. Quando Ítalo Calvino escreve um livro com o título de Por que ler os clássicos, ele está, na verdade, explicando como devemos conhecer esses radares, essas antenas, e como devemos prestar atenção no que dizem, pois o que dizem ainda nos interessa.

Candido, Pound, Botton, Calvino e outros tantos nos repetem uma ideia para a qual vale a pena dedicar um tempinho. Afinal, temos um caminho longo pela frente e, tanto para a vida quanto para a profissão, literatura se constitui como um direito, um direito que nem todos sabem ter, por isso cabe a nós, estudantes de letras, usufruir desse direito, a fim de apresentá-lo a outros depois, porque a vida é esse roteiro natural que se repete, a gente nasce, cresce, se reproduz (ou não) e morre, mas a forma como vivemos cada uma dessas etapas apresenta lá suas dificuldades e alegrias, e a literatura nos mostra que não estamos nelas sozinhos...

Os vídeos mencionados:

Fala de Alain de Bottom

Vídeo sobre o papel da cultura para a ideologia de gênero:

Os autores mencionados:

Alain de Botton nasceu em Zurique, na Suíça, em 20 de dezembro de 1969. Ele é um filósofo e escritor que ficou famoso por popularizar a filosofia, ofertando reflexões sobre o nosso cotidiano, inclusive sobre a literatura e a arte.

Disponível em: <http://alaindebotton.com/>

Antonio Candido de Mello e Souza nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de julho de 1918.. Ele é o mais importante crítico literário brasileiro vivo, tendo influenciado profundamente a formação de figuras como Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Jr., Antônio Lázaro de Almeida Prado, Walnice Nogueira Galvão, João Luiz Lafetá e Antônio Arnoni Prado, entre outros.

Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/category/colaboracoes-especiais/antonio-candido/>

Ezra Weston Loomis Pound nasce em Hailey em 30 de outubro de 1885 e faleceu em 1 de novembro de 1972, em Veneza. Foi poeta, músico e crítico literário americano. Também se destaca por fazer parte do movimento modernista da poesia do início do século XX, nos EUA, juntamente com T. S. Eliot.

Disponível em: <https://www.ezrapoundsociety.org/>

Italo Calvino nasce em Santiago de las Vegas, em 15 de outubro de 1923, e falece em Siena, no dia 19 de setembro de 1985. Foi um dos mais importantes escritores italianos do século.

Disponível em: <http://www.italo-calvino.com/>

Capítulo 2 - O conceito de Literatura

Depois de alguma reflexão, vemos que não é difícil entender a importância da literatura. A maior dificuldade é definir o que entendemos por literatura e, em uma disciplina de estudos literários, o primeiro passo é exatamente esse.

Em seu livro *O que é literatura*, Marisa Lajolo delineia os contornos dos elementos a serem levados em conta para pensar o que faz um texto receber o adjetivo literário. O primeiro item a ser entendido, segundo Lajolo, é o de tradição cultural, pois, para ela, a pergunta que dá título ao livro “[...] exige uma resposta que retoma, atualiza e prolonga tudo o que já foi, até hoje, pensado sobre o assunto.

Na verdade, o problema não é escrever uma obra, nem mesmo vendê-la. A complexidade advém da possibilidade de validá-la frente a essa tradição cultural, ou não. Lajolo chama a isso cidadania literária. Há textos que frequentam bibliotecas, livrarias, casas particulares, e nem por isso ganham o selo de Literatura (com L maiúsculo). O primeiro passo, claro, é que haja uma obra, um autor e um público leitor, já que “[...] a obra literária é um objeto social” (1985, p.16). Contudo, quem torna válido o processo são, segundo a reflexão de Lajolo, os canais competentes. Encontram-se entre os setores especializados os intelectuais, a crítica, a universidade, a academia, bem como a escola. A origem etimológica da palavra clássico, por exemplo, vem de *classis*, a classe escolar: “Os clássicos, então, eram chamados clássicos por serem julgados adequados

à leitura dos estudantes, úteis na consecução dos objetivos escolares”. (LAJOLO, 1985, p. 18). Afinal, a literatura ensina algumas coisas: desenvolvemos a memória, o vocabulário, as ideias sobre o homem e o mundo. Só que no processo de avaliar algumas coisas e não outras, outro fator influencia: o tempo, uma vez que o que é caro em determinada época e cultura, pode não ser ou deixa de ser em outra. No Romantismo brasileiro, por exemplo, Sousândrade é um exemplo de validação posterior, já que não adquiriu status em vida.

A discussão sobre o conceito de literatura também ganha o interesse de Antoine Compagnon, no livro *O demônio da teoria*. No livro, o autor aponta o constante embate entre a teoria e o senso comum, especialmente sobre o conhecimento que se tem a respeito do estudo da literatura. No primeiro capítulo do livro, Compagnon problematiza o conceito de literatura, pensando, primeiro na extensão do conceito, depois na compreensão que se tem do que seja literário, a partir da definição da função, da forma e do conteúdo literário. Quanto à extensão do que cobre o nome literatura, tem-se dois sentidos principais, o sentido lato, segundo o qual “[...] literatura é tudo o que é impresso” (2003, p.31), correspondendo à noção clássica de belas-letas; e o sentido estrito, que prevê um limite entre o literário e o não literário. Em verdade, o sentido estrito de literatura é bastante novo, data do século XIX, “[...] com o declínio do tradicional sistema de gêneros poéticos perpetuado desde Aristóteles.” (2003, p.32). Acontece, então, a mudança da tríade lírico-épico-dramático para a tríade romance-teatro-poesia. Mas passemos primeiro à concepção aristotélica.

Uma das tentativas mais antigas para tentar oferecer uma definição de literatura (ainda que sem esse nome, na época) é a de Aristóteles, em sua *Poética*. Nesse texto, ele se propõe a tratar da natureza e das espécies do que chama de poesia. A principal noção a ser entendida aqui é a de *mimesis*, ou seja, a ideia de imitação. Para Aristóteles, imitar é natural do homem pois há prazer em fazê-lo. Os primeiros conhecimentos do homem vêm por meio da imitação. A imitação de uma ação grave, como na tragédia, tem um efeito sobre o público, inspirando pena e temor.

Outra concepção importante, amplamente desenvolvida pelos estudos posteriores sobre literatura, é a que diferencia a Literatura da História. Para Aristóteles, “[...] a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas que podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade.” (ARISTÓTELES, 2005, p. 28). Assim, o que diferencia o trabalho do historiador do trabalho do poeta não é a arte de metrificar, mas a de narrar acontecimentos que podem acontecer. A poesia, além disso, é a responsável por enunciar verdades gerais, diferentemente da História, o que a aproximaria da Filosofia.

Ação de representar, por meio de palavras, ações humanas, de maneira geral, falando não do que acontece, mas do que pode acontecer é, então, o mais próximo que chegamos de um conceito de literatura. E hoje, por muito que se tenha estudado, não se consegue ignorar a concepção aristotélica. Devemos, em verdade, sempre partir dela, a fim de refletir sobre os rumos que tomou o conceito.

Contudo, o século XIX, especialmente com o romantismo, garantem grandes mudanças na forma de ver o literário. Além da ascensão da nova tríade (romance, teatro e poesia), há uma mudança quanto à função social da arte, a importância da originalidade e o lugar de gênio que é, então atribuído ao artista: “O sentido moderno de literatura (romance, teatro e poesia) é inseparável do romantismo, isto é, da afirmação da relatividade histórica e geográfica do bom gosto, em oposição à doutrina clássica da eternidade e da universalidade do cânone estético”.“(COMPAGNON, 2003, p. 32)

Em um sentido estrito de literatura, é preciso pensar a questão do valor, que conduz, também, ao problema da exclusão, afinal, como afirma Compagnon (2003, p.32), “Todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão”. E como um dos setores especializados, capaz de avaliar o caráter literário de uma obra, é feito por críticos, avulsos, com ideologias e valores distintos, muitos fatores estão envolvidos na escolha do cânone. Ainda assim, é possível alguma flexibilidade nesse rol das obras dignas do adjetivo literário e, vez ou outra, algumas passam a constitui-lo, enquanto outras podem ser remanejadas:

Após o estreitamento que sofreu no século XIX, a literatura reconquistou desse modo, no século XX, uma parte dos territórios perdidos: ao lado do romance, do drama e da poesia lírica, o poema em prosa ganhou seu título de nobreza, a autobiografia e o relato de viagem foram reabilitados, e assim por diante. Sob a etiqueta de paraliteratura, os livros para crianças, o romance policial, a história em quadrinhos eram assimilados. Às vésperas do século XXI, a literatura é novamente quase tão liberal quanto as belas-lettras antes da profissionalização da sociedade. (COMPAGNON, 2003, p.34)

Ou seja, voltamos à resposta ofertada por Lajolo para a questão sobre o que é literatura: “Tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura”. E o mercado tem ajudado bastante nesse (re) alargamento conceitual, com a enfática divulgação da cultura geek, dos cinéfilos, dos fãs de séries, dos canais de leitura, e até mesmo da ampla divulgação dos prêmios literários, os quais têm ousado nos eleitos. Pensando somente no prêmio Nobel de Literatura, nos últimos cinco anos, tivemos um músico americano (Bob Dylan), uma jornalista bielorrussa (Svetlana Alexievich), um escritor francês (Patrick Modiano), uma contista canadense (Alice Munro) e um escritor chinês (Mo Yan). Afora a questão cultural - o destaque para obras fora do circuito Europa-EUA -, há presença de escritoras (que ainda são uma gritante minoria) e o alargamento do conceito de literário abarcando o jornalismo e a música. São questões interessantes, que é claro, não esgotam o problema. A discussão do conceito de literatura sempre será uma atividade complexa. É assim com a discussão sobre as funções da Literatura? Veremos no próximo capítulo.

Os autores mencionados:

Marisa Lajolo nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é ensaísta, pesquisadora, crítica literária, autora de literatura juvenil e professora universitária.

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19039/marisa-lajolo>

Antoine Compagnon nasceu em 20 de julho de 1950, em Bruxelas. Ele é um historiador da literatura francesa, professor, romancista e crítico literário.

Disponível em: <http://www.college-de-france.fr/site/antoine-compagnon/biographie.htm>

Aristóteles nasce em Estagira, em 384 a.C., e falece em Atenas, em 322 a. C. Um filósofo grego, aluno de Platão e mentor de Alexandre, o Grande. Juntamente com Sócrates e Platão, é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. Seus estudos versam sobre vários assuntos, como física, metafísica, literatura, música, lógica, retórica, política, ética, biologia, etc.

Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/biografia.html>

Links de interesse:

Bob Dylan vence o Prêmio Nobel de Literatura de 2016:

Conheça os vencedores do Nobel de Literatura dos últimos 15 anos

Conheça vencedores do prêmio Nobel de Literatura desde 1901

Capítulo 3 - As funções da Literatura

Para pensar as funções da literatura, é preciso ter em mente um conceito de literatura. Se pensarmos a literatura somente enquanto aquilo que é escrito, publicado e, quiçá, avalizado pelos canais competentes, teremos uma função social importante, porém mais elitizada, para começar, porque é preciso saber ler e, mais do que isso, dominar um código mais restrito, a norma culta da língua. Do contrário, corremos o risco de somente decodificarmos frases após frases, sem nada entender.

Nesse sentido mais elitizado, a reflexão de Antonio Candido (1995) sobre a literatura como um direito humano parece incompleta, já que o que ele prevê como literatura, em seu ensaio *O direito à literatura*, parte de uma concepção mais ampla:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.”(CANDIDO, 1995).

Como ele mesmo afirma, ao ver a literatura dessa forma, ela aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Assim, fica mais fácil vê-la como um direito da humanidade, protagonista de uma função social importante, a necessidade de fabulação humana, de sonho. Assim também fica mais fácil entender sua função, quando a escrita não era o centro da civilização ocidental. Basta lembrar que as grandes epopeias ocidentais não foram feitas para serem lidas, e sim ouvidas. Daí que, para além da função de melhorar a escrita e o vocabulário, outras há, mais gerais.

Uma das reflexões mais antigas sobre a função da literatura é a de Aristóteles, em sua *Poética* (2005). A literatura tem uma função catártica, de purgar as emoções, a partir da obra

contemplada, seja ela uma tragédia ou um canto épico. De alguma forma, a pessoa se sensibiliza com o que ouve/vê e aprende sobre isso, como se ao ouvir/assistir, pudesse colocar-se no lugar das personagens e viver o que elas vivem, pela reflexão.

Também Horácio discorre sobre o tema na carta que envia aos amigos Pisões, a fim de aconselhar quanto ao fazer literário. O autor sugere que aquele que queira escrever deve “[...] observar o modelo da vida e dos caracteres e daí colher uma linguagem viva.” (HORACIO, 2005, p.60) Há que se falar das coisas com propriedade, há que se falar de verdades gerais, e assim as funções da literatura virão à tona. Segundo Horácio (2005), “Os poetas desejam ou ser úteis, ou deleitar, ou dizer coisas ao mesmo tempo agradáveis e proveitosas para a vida”(p.65). Eis que retorna a ideia de um conhecimento por parte da Literatura, ela ensina algo sobre a vida, a partir da apreciação de uma obra, mas também serve de recreação, de lazer, de deleite. Segundo Compagnon (2003), essa é a mais corrente definição humanista de literatura, “[...] enquanto conhecimento especial, diferente do conhecimento filosófico ou científico.” (2003, p.35).

Essa perspectiva humanista, ainda que contestada, não perde sua validade. Mas, a partir do século XIX, com a ascensão da classe e da ideologia burguesa, outras funções foram destacadas para o fazer literário: a literatura serve para produzir um consenso social e propagar uma ideologia (aparelho ideológico do Estado) e, contrariamente, a literatura pode denunciar uma ideologia que se quer consensual, atentando para problemáticas sociais (função subversiva) (COMPAGNON, 2003, p.37).

Por fim, enquanto arte, a literatura tem, ainda, uma função terapêutica, que é o que propõem Alain de Botton e John Armstrong (2014). Essa perspectiva combina a atitude humanista com um viés mais contemporâneo, em que a Psicologia ascende como ramo de estudos, importante para o desenvolvimento do homem. A literatura, como toda forma de arte, ajuda a ver o amor, a natureza, o dinheiro e a política com outros olhos, segundo os autores. A arte pode nutrir a lembrança, fomentar a esperança, ajudar a enfrentar o sofrimento,

buscar o reequilíbrio, conduzir à compreensão de si, propiciar o crescimento e proporcionar a apreciação. Mas, para isso, é preciso refletir sobre o conhecimento que proporciona, tentar aplicar à realidade, como se a arte (e a literatura) emprestasse óculos para ver a realidade do mundo, do outro e de si mesmo, de outras formas.

Autores mencionados:

Quinto Horácio Flaco nasce em 65 a.C., em Roma, e falece em 8 a.C. Ele foi um poeta lírico e satírico romano, crítico e filósofo.

Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/QuintusH.html>

Links de interesse:

Fala do filósofo Alain de Botton: Como a literatura pode mudar sua vida

Canal Tiny Little Things, de Tatiana Feltrin.

Primeiro canal sobre impressões de leitura no Brasil. A partir desse meio, são criados círculos de leitura, grupos de interessados em livros que buscam outras opiniões e indicações, a fim de alimentar o hábito da leitura. Um bom ponto de partida para quem quer adentrar nesse meio

Capítulo 4 - Os períodos literários

Quando se consegue perceber a literatura como uma manifestação universal, de todos os homens, em todos os tempos, tal qual pensa Candido, dá-se conta de que não dá para dissociar a literatura do complexo cultural em que se realiza. Quem comenta sobre essa relação tão estreita entre língua, cultura e literatura é Domício Proença Filho, no livro *Estilos de época na literatura* (1985).

A fim de estudar aspectos sobre os estilos de época na produção literária, o autor primeiramente explora essa relação entre língua, literatura e cultura, até para justificar por que é possível ler uma obra literária à luz do estilo da época da qual faz parte. Para Proença Filho, “[...] a literatura, apoiada num sistema de signos linguísticos que expressam o mundo e revelam a dimensão profunda e plena desse mundo, traduz o grau cultural de uma sociedade.” (1985, p. 21). Mas, por que essa reflexão é importante?

Importa pensar na relação entre língua, sociedade, literatura e cultura, antes de tratar dos períodos literários propriamente, porque muitos são os que contestam a leitura de uma obra literária à luz do estilo da época, muitos, inclusive, questionam a ideia de haver um estilo de época. Por isso, ao pensar essa relação, percebe-se que as mudanças que acontecem para o homem não podem passar batidas pelos artistas que representam esse mesmo homem. Além disso, por mais original que possa ser considerado um escritor, de alguma forma, ele acaba respondendo às ânsias da cultura de seu tempo, seja positiva ou negativamente. E é isso que permite pensar em estilos de época ou períodos literários.

Quando pensamos nessa periodologia literária, estamos pensando em civilização ocidental, nessa cultura dominante que engloba tanto as reflexões e feitos dos gregos e romanos, quanto a ascensão de um pensamento cristão e burguês. Domício Proença Filho pensa na

Literatura Brasileira, e nossa literatura (ao menos a escrita) inicia com a chegada do europeu ao país, lá pelos idos de 1500. Mas é claro que, enquanto rola uma literatura colonial por aqui, muita água já tinha rolado do lado de lá do Atlântico. É possível pensar em literatura ocidental a partir do Classicismo, ou Antiguidade Clássica (século VIII a.C./XI d.C.), com a produção dos gregos e romanos; depois, tem-se, sucessivamente, a Idade Média (XII/XV), o Renascimento (XVI), o Barroco (XVII), o Neoclassicismo (XVIII), o Romantismo (XIX), o Realismo (XIX), o Impressionismo (XIX/XX), Modernismo (XX) e as tendências contemporâneas (XXI) (1985, p.92). Influenciam essas alterações no estilo as grandes revoluções sociais, as conquistas tecnológicas, os grandes conflitos internacionais, a maior ou menor influência das religiões nas sociedades, entre tantos outros. Para saber mais, indicamos as leituras do livro de Domício Proença Filho, *Estilos de época na literatura* (1985) e o texto "Os estilos históricos na literatura ocidental", de Guilherme Merquior, que consta do livro *Teoria literária* (1999), organizado por Eduardo Portella.

Autores mencionados:

Domício Proença Filho nasce no Rio de Janeiro, em 25 de janeiro de 1936. Ele é professor e pesquisador nas áreas de língua portuguesa e literatura brasileira.

Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/domicio-proenca-filho>

Guilherme Merquior nasce no Rio de Janeiro, em 22 de abril de 1941, e falece também no Rio de Janeiro, em 7 de janeiro de 1991. Ele foi ensaísta, crítico literário, diplomata, sociólogo brasileiro e professor universitário.

Disponível em: <http://www.erealizacoes.com.br/colecao/biblioteca-jose-guilherme-merquior>

Links de interesse:

Documentário Arte barroca e do Rococó ao Neoclássico (em 2 partes):

Resumo sobre o Renascimento, do canal Universia:

Resumo sobre o Barroco, do canal Universia:

Resumo sobre o Romantismo, do canal Universia:

Resumo sobre o Impressionismo, do canal Universia:

Resumo sobre o Modernismo (brasileiro), do canal Universia:

Capítulo 5 - Os gêneros literários

Se a periodologia literária é uma forma de classificar as obras, pelo que elas têm de semelhante, por fazerem parte de um mesmo contexto histórico; os gêneros literários também são uma forma de classificar essas obras, só que pelo que as une como espécie ou classe. E o que diferencia as duas formas de classificação é o critério temporal. Enquanto a tentativa de organizar as obras literárias a partir do viés histórico é uma característica predominante dos estudos literários do século XIX, a tentativa de classifica-las em espécies vem de longa data. Na verdade, pode-se falar dessa tentativa desde os primeiros textos existentes sobre literatura, no Ocidente.

Os primeiros a estudar a questão foram os gregos Platão e Aristóteles. Aliás, por muito que se tenha feito, as questões propostas por eles ainda são dignas de análise e reflexão. A divisão entre lírica, épica e dramática, por exemplo, vem dos gregos. É claro que eles consideravam questões bastante específicas, por isso, modernamente houve a reorganização das formas literárias a partir de outros critérios, mas mantendo os três grandes gêneros. Essa contribuição à teoria dos gêneros veio da parte de Emil Staiger, em seu *Conceitos fundamentais da poética* (1997).

O interessante do estudo de Staiger é que não se trata de uma classificação fechada. Para ele, “[...] traços estilísticos líricos, épicos ou dramáticos podem ou não estar presentes em um texto, independentemente do gênero.” (SOARES, 1989, p. 18). Dessa perspectiva, uma obra nunca será totalmente lírica, épica ou dramática, especialmente “[...] porque essas características não se projetam, na constituição da linguagem, sempre da mesma maneira.” (SOARES, 1989, p. 19). E, ainda que haja outras classificações que importa conhecer (para isso, ver o livro de Angélica Soares, *Os gêneros literários*), será a de Staiger que utilizaremos para organizar nosso estudo.

Em sua leitura da obra de Staiger, Helena Parente Cunha (1999) destaca por que a perspectiva de estudos do gênero do autor é adequada:

Os substantivos Lírica, Épica e Drama referem-se ao ramo, em que se classifica a obra, de acordo com determinadas características formais. Os poemas de breve extensão que expressam estados de alma, se enquadram na Lírica. O relato ou

apresentação de uma ação pertence à Épica, enquanto a representação da ação, movida por um dinamismo de tensão, se situa no Drama.

Os adjetivos lírico, épico e dramático definem a essência, isto é, os traços característicos da obra, manifestados por seus fenômenos estilísticos. (1999, p. 96).

A partir dessa constituição, há mais liberdade para classificar obras que, pela divisão tradicional, ficariam sem lugar. Dessa forma, uma peça teatral, por exemplo, pode participar da essência do lírico, se tiver transbordamentos afetivos; do mesmo modo que um romance pode pertencer ao ramo da Épica, mas ter seus diálogos aproximados da essência dramática. Segundo a categorização de Staiger, há, pois, três grandes gêneros, cada qual com suas espécies.

O que caracteriza o gênero lírico é sua essência, que Staiger denomina recordação, pois o eu lírico fala de assuntos que estão próximos de si, de seus sentimentos. Por isso a atitude fundamental da lírica é o não distanciamento, a fusão do sujeito e do objeto “[...] pois o estado anímico envolve tudo, mundo interior e exterior, passado, presente e futuro.” (1999, p. 98). Ainda merece destaque a afirmação de que a essência lírica é manifestada a partir dos fenômenos estilísticos próprios, ou seja, a musicalidade, a repetição, o desvio da norma gramatical, a antidiscursividade, a alogicidade e a construção paratática. Entre as principais espécies da lírica estão o soneto, a ode, a balada, o vilancete, o rondó e o rondel.

Já o que caracterizaria o gênero épico é sua essência, no caso, a apresentação. A atitude fundamental épica é o distanciamento, ao contrário da lírica. A manifestação dessa essência se dá a partir dos fenômenos estilísticos da épica: o passado, alguns elementos da forma exterior, a grandiloquência, a narrativa e a ação, a inalterabilidade, o desenrolar progressivo e a anatomia das partes. As principais espécies da épica são a epopeia, o romance, o conto e a novela.

Por fim, o que caracteriza o gênero dramático é a tensão, sua essência, por via da atitude fundamental, a representação. São os fenômenos estilísticos da dramática: a maneira dramática, a concentração, as unidades e o diálogo. As espécies principais do gênero dramático

são a tragédia e a comédia, sendo que, modernamente, passaram a figurar no gênero outras espécies como a tragicomédia barroca, o drama e o melodrama.

Em nossa disciplina, veremos primeiro exemplares da lírica; depois, da dramática; e por último da épica.

Autores mencionados:

Emil Staiger nasce em 8 de fevereiro de 1908 em Kreuzlingen, e falece em 28 de abril de 1987, em Horgen. Foi professor universitário, pesquisador e ensaísta.

Disponível em: <http://www.psupress.org/books/titles/0-271-00674-9.html>

Angélica Soares nasce no Rio de Janeiro. Ela é professora na UFRJ e atua como pesquisadora nas áreas de Teoria Literária, Literatura Comparada e Poética.

Disponível em: <https://www.7letras.com.br/autor?id=866>

Helena Parente Cunha nasce em Salvador, em 1930. Ela é escritora, tradutora, professora e pesquisadora na área de língua italiana, teoria literária e literatura.

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7227/helena-parente-cunha>

Links de interesse:

Trailer do filme Romeu e Julieta, baseado na tragédia homônima de Shakespeare

Soneto de fidelidade, de Vinícius de Moraes, na voz do próprio poeta:

Período de abertura da novela A metamorfose, de Franz Kafka, em várias traduções, interpretadas pela atriz Bete Coelho.

Considerações finais

Nossa disciplina iniciou com a apresentação da literatura como um direito humano, o que justifica a necessidade de estudá-la, especialmente em um curso de Letras, em que Introdução aos Estudos Literários é a primeira disciplina a dar enfoque à literatura como objeto de estudos principal. Sabendo-se disso, chega a hora de apresentar a problemática que cerceia o conceito de literatura, demonstrando, no entanto, a importância de escolher um conceito de literatura antes de iniciar um estudo, visto que diferentes concepções baseiam diferentes tipos de análise literária. Depois, nossa reflexão passou para as funções da literatura, que são, entre outras, as de propiciar prazer e conhecimento. Quanto às formas de estudar a literatura, percebe-se que são recorrentes as classificações, mesmo que sejam questionadas, por vezes. Podemos estudar as obras literárias, ordenando-as temporalmente e estudando os aspectos culturais que permitem determinadas representações ao invés de outras, em cada época; mas também podemos estudar as obras literárias, ordenando-as em classes, pelo que elas têm de semelhante formal, temática ou essencialmente. Junto a essas informações, tivemos a leitura das obras literárias – e posso dizer que nenhum estudo substitui a leitura das obras literárias -, que possibilitou

visualizar como as diferentes perspectivas de estudo do objeto literário são possíveis. Por toda essa trajetória, o que esperamos é que entendam a importância e a complexidade de nossa tarefa, como acadêmicos de Letras, em nos tornarmos profissionais da linguagem e da literatura. Os ganhos são muitos, tanto profissional quanto pessoalmente, mas o trabalho para se chegar lá não é menos árduo do que em qualquer outro curso superior. Contudo, podemos assegurar, se tivermos paixão pelo que fazemos, bem menos doloroso será o percurso. Desejamos um bom curso a todos, que seja regado à Literatura!

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. A poética clássica. São Paulo: Cultrix, 2005.

BOTTON, Alain; ARMSTRONG, John. Arte como terapia. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Belo Horizonte: EDITORA, 2003.

CUNHA, Helena Parente. Os gêneros literários. In: PORTELLA, Eduardo (org.).Teoria literária. Rio de Janeiro: EDITORA, 1999.

LAJOLO, Marisa. O que é literatura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MERQUIOR, Guilherme. Os estilos históricos na Literatura Ocidental. In: PORTELLA, Eduardo (org.).Teoria literária. Rio de Janeiro: EDITORA,1999.

POUND, Ezra. ABC da Literatura. São Paulo: Cultrix, 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. Estilos de época na Literatura. São Paulo: Ática, 1985.

SOARES, Angélica. Gêneros literários. São Paulo: Ática, 1989.

STAIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1997.